

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

FEIJÃO

**Economista Methodio Groxko*

A fase predominante na lavoura de feijão é a colheita, cujos trabalhos se intensificaram durante os últimos dias, em todas as regiões produtoras. Até esta semana foram colhidos 82% dos 254 mil hectares de feijão cultivados no estado. O último levantamento realizado pelos técnicos do Departamento de Economia Rural indica uma quebra de 38% sobre as 504 mil toneladas estimadas no início de safra. Porém, dada a longa estiagem que afetou a cultura durante os meses de março, abril e maio, as perdas foram significativas e o volume de produção ficou reduzido para 310 mil toneladas de feijão.

A colheita já se encaminha para o encerramento e acredita-se que, nos próximos 10 dias, o trabalho possa ser totalmente concluído. À exceção dos últimos quatro dias, em que as chuvas retornaram ao estado, nas demais semanas o clima foi absolutamente favorável à colheita, o que resultou em um produto de baixa umidade. Porém, a grande maioria do feijão produzido nesta safra é de grãos miúdos e de valores mais baixos. Das lavouras que ainda serão colhidas, 49% apresentam condições ruins; 34% médias e apenas 17% boas. No tocante às fases, 10% se encontram em frutificação e 90% em maturação.

O mercado continua travado, com poucos negócios e com os preços estáveis neste início de semana. No período de 31/05/21 a 04/06/21, os produtores receberam em média R\$ 264,00/sc de 60 kg pelo feijão de cor e R\$ 243,00/sc de 60 kg para o preto. Nesse caso, houve um simbólico aumento de 1,4% para cores e uma redução de 2,5% no preto, comparativamente à semana anterior.

Na opinião dos atacadistas e dos analistas de mercado, a queda nos preços deve-se à baixa qualidade do produto colhido nesta safra, além da redução no consumo e da entrada de feijão da Argentina, que destina boa parte de sua produção para o mercado brasileiro.

FRUTICULTURA - JACA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O interesse em frutas não convencionais e exóticas surge pela necessidade de experimentar novos sabores, cheiros e texturas, ou por reminiscências de tempos idos, nos passeios aos sítios e quintais, ou ainda, uma mistura destas e mais sensibilidades e possibilidades.

A jaca, fruta originária da Índia, símbolo de Bangladesh e a mais consumida nas Filipinas, tem despertado a atenção dos consumidores mundiais e brasileiros, não só

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

por ser a maior fruta propriamente dita, em tamanho - no Brasil, podem ultrapassar os 40kg, e os 60kg na Ásia -, mas também associando-a a benefícios nutricionais e alimentares.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, via Censo Agropecuário 2017, contabilizou 1,4 mil estabelecimentos com cultivo comercial da espécie em todo o país. A área colhida foi de 1,6 mil hectares com produção de 4,1 milhões de frutos, gerando um Valor Bruto de Produção/VBP de R\$ 11,4 milhões.

Não se afere em tonelagem, pois os tamanhos variam, podendo chegar a 35-40kg/fruta, numa média de 25kg para uma fruta comercializável, pode-se aproximar de um volume estimado em 102,8 mil toneladas.

Bahia (79,7%) e Pernambuco (7,3%) participaram com 87% das colheitas nacionais, enquanto outros 18 estados cultivam a fruta em menor escala.

Nos 29 hectares explorados no Paraná em 2020, colheu-se 1,2 mil toneladas das jaqueiras, projetando-se um VBP de R\$ 461,7 mil. Outros 21 municípios foram plotados com cultivos comerciais, sendo Altônia responsável por 58,4% da produção estadual, e a região Noroeste – onde está inserido o município – contemplando 89,5%

das colheitas. (Deral 2021 – dados preliminares)

Em contraponto com as informações recentes, no ano de 2011 a área foi de 24 hectares e a produção de 1,5 mil toneladas, e tem gravitado entre estes patamares nos últimos dez anos.

Das 35 frutas acompanhadas pelo Deral, a jaca é ranqueada como a 30ª em área, 26ª em produção e 32ª no VBP/2019. O que representa, aproximadamente, 0,1% das colheitas da fruticultura paranaense.

Nas Ceasas/PR, em 2020, foram comercializadas 94,7 toneladas, gerados R\$ 290,3 mil em movimentação financeira e um preço médio de R\$ 3,07/kg. A comercialização se concentrou entre outubro e março, onde 85,8% das vendas se efetivaram.

Das 60 frutas transacionadas, a jaca está ranqueada como a 29ª em volumes e a 39ª em valores, traço estatístico ante as 575,5 mil toneladas e R\$ 1,6 bilhão de negócios em 2020 nas Centrais.

De 2011 a 2020, os preços reais deflacionados praticados no atacado variaram entre R\$ 5,05/kg em 2015 e R\$ 3,07/kg no ano passado, sendo a média dos 10 anos de R\$ 4,09/kg.

Com origens em Altônia (60,8%), e na contígua São Jorge do Patrocínio

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

(20,4%), perfazendo 81,2% do fornecimento nas Centrais públicas de atacado, a oferta se complementa com frutas de mais dez municípios do estado e do CEAGESP.

De maneira geral, cultivar jacas é uma atividade secundária na propriedade rural, onde o agricultor possui um negócio principal e complementa suas receitas com a fruta, destinando a produção para uma Central de Abastecimento/Atacado, para um comerciante volante itinerante ou vendendo direto ao consumidor.

Uma antiga consultoria em fruticultura define o mercado de Frutas em Milhões de Toneladas, em Milhões de Quilos e em Milhões de Gramas.

A jaca – mesmo com seu tamanho e peso considerável – está entre o milhão de quilos nos negócios da fruticultura. Apesar de comum na zona rural e nas áreas urbanas das cidades do interior, pode sim ser caracterizada como uma fruta exótica, permeando o nicho de mercado das alimentações vegetarianas e veganas.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Apesar de uma safra prejudicada por problemas climáticos praticamente durante todo o ciclo, a produtividade paranaense foi uma das melhores dos últimos anos. Segundo os técnicos de campo do Deral, os produtores paranaenses colheram em média na safra 2020/21, que se encerrou recentemente, aproximadamente 3.540 kg por hectare. Esse volume foi o terceiro maior dos últimos dez anos.

O maior volume deste período (e também da história) foi obtido na safra 2019/20, quando foram colhidos, em média, 3.794 kg por hectare. Outra safra com excelente resultado foi a do ciclo 2016/17 com uma produtividade média de 3.766 kg por hectare.

Além do volume produzido de 19,79 milhões de toneladas na safra 2020/21, os produtores conseguiram obter preços considerados recompensadores nesse ano. O preço médio obtido de janeiro a maio foi de R\$ 156,06 por saca de 60kg, valor superior em 87% em relação a 2020, quando a saca era comercializada por R\$83,62, em média.

Vazio Sanitário inicia no Paraná

Começou no último dia 10/06 o período de vazio sanitário da soja no estado

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

do Paraná. Durante noventa dias fica proibida a presença de plantas de soja no campo. A medida é determinada pela ADAPAR – Agência de Defesa Agropecuária do Paraná – por meio da portaria de nº 342 de 2019. O objetivo é impedir a sobrevivência do fungo causador da ferrugem asiática, principal doença que afeta a cultura, no período que antecede o plantio da safra de verão.

Segundo o ZARC – Zoneamento Agrícola de Risco Climático – divulgado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o plantio da soja no estado do Paraná é permitido a partir do dia 11 de setembro.

CONAB confirma produção recorde de soja no Brasil

Segundo o levantamento referente ao mês de junho divulgado pela Conab – Companhia Nacional de Abastecimento, a produção brasileira de soja deverá ser recorde, com aproximadamente 135,86 milhões de toneladas colhidas. Esse volume é 8,8% superior ao ciclo 2019/20. Segundo o relatório, os maiores produtores nacionais nesta safra foram os estados do Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Paraná, que juntos foram responsáveis por cerca de 56% da produção brasileira.

MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

Nos últimos dias ocorreram chuvas em boa parte do estado. Com isso, as condições de lavoura da segunda safra de milho 2020/21 permaneceram estáveis nesta semana. O relatório do Deral apontou que 22% da área total de 2,5 milhões tiveram condições boas, enquanto 46% tinham condições medianas e 32% apresentam condições ruins.

Os preços do cereal mantiveram-se estáveis nesta semana, sendo a saca de 60 kg negociada em torno de R\$ 82,00 (preço recebido pelo produtor).

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

O IPCA de maio avançou e acumulou 8,06% em 12 meses. Neste mesmo período, a alta no grupo de alimentação no domicílio foi de 15%, porém os derivados de trigo que compõem a pesquisa não tiveram uma participação tão contundente e acumularam 7% de alta, abaixo da inflação total do período.

O pão francês, item com maior participação entre os derivados de trigo, teve alta anual de 6% na pesquisa do IBGE, número corroborado pela pesquisa de Varejo do Deral, que apontou 7% de alta deste pão no Paraná. Os reajustes abaixo

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

da inflação apontam a dificuldade de repasse dos preços para o consumidor final, pois os preços no atacado tiveram valorizações maiores. As farinhas, por exemplo, tiveram aumento médio de 23% e o trigo disponível teve aumento de 35%, segundo a pesquisa de atacado do Departamento, considerando os últimos 12 meses.

A diferença de valorização observada no mercado atacadista entre o trigo disponível e farinha trigo vem sendo administrada parcialmente pelos moinhos paranaenses com a venda de farelo de trigo, que quase dobrou de valor entre as pesquisas de maio de 2020 e 2021 de preços pagos pelo produtor. Mesmo em patamares altos, o farelo tem se mostrado uma alternativa ao milho para alimentação animal, que também encareceu.

BATATA

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

O cultivo da segunda safra paranaense da batata apresenta para este ciclo uma área estimada em torno de 12,2 mil hectares e volume estimado de 333 mil toneladas. Até este momento, a produtividade estimada é de 27.380 kg/ha ou 548 sacas de 50 kg/ha. Cerca de 99% da área total já foi plantada e 47% colhida. A

maior parte das lavouras ainda não colhidas se encontra em boas condições e representa 86% da área total, com 14% em condições médias.

Os quatro principais polos de produção são: Guarapuava com 36% da produção total estimada, Ponta Grossa com 16%, Curitiba com 15% e União da Vitória com 9%.

O levantamento do Deral na semana de 07 a 11 de junho de 2021 apresenta um recuo nos preços em torno de 24% do tubérculo em relação à semana anterior. O preço médio recebido pelos agricultores da saca de 50kg foi cotado no valor de R\$ 45,62. De acordo com o CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - em 07 de junho 21, “os preços da batata lavada tipo ágata estão em R\$ 72,10 (ponderado pela classificação), na média das lavadoras do país, valor 15% inferior ao de maio, de R\$ 84,83 (também ponderado pela classificação). A queda das cotações neste início de mês se dá pela já esperada intensificação da safra das secas em diversas regiões – como Curitiba e São Mateus do Sul (PR) e, mais recentemente, no Cerrado de MG. Além destas, outras praças já começam a ofertar seus produtos, como Cristalina (GO) e Sudoeste Paulista”.

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

BOVINOCULTURA DE CORTE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados da Pesquisa Trimestral do Abate mostram que, no primeiro trimestre de 2021, o Brasil abateu 10,6% a menos de bovinos que no primeiro trimestre de 2020. No Paraná, o decréscimo foi ainda maior (-13,6%), também se comparando o primeiro trimestre de 2020/2021. Em relação à produção de carne, no comparativo do mesmo período, o Brasil apresentou queda de 7,3% e o Paraná de 10,8%.

Esta conjuntura de menor oferta interna, altos custos de produção e aumento de exportações foi a receita para acréscimos na arroba e, conseqüentemente, altas no atacado e varejo, justificando assim os acréscimos dos cortes para o consumidor.

Razões para queda nos abates

Como já citado, os abates recuaram no 1º trimestre de 2021, comparativamente ao mesmo período de 2020. Apesar dos altos preços da arroba, que seguem em ascensão, alguns fatores concorreram para um menor índice nos abates este ano, entre eles:

- Valorização do bezerro de desmama, o que fez com que muitos produtores investissem na atividade de cria, segurando suas matrizes e diminuindo sensivelmente o volume de abates desta categoria;
- Estiagem de quase 60 dias, que fez com que houvesse atraso no plantio das forrageiras de inverno e além disso, atrapalhou a produtividade do milho safrinha, que seria utilizado para silagem, atrasando a engorda de animais e onerando os custos de produção;
- Altas nos custos de produção, principalmente impulsionados pelos acréscimos com a alimentação animal (milho e soja), minerais, medicamentos e fertilizantes;
- Diminuição de animais confinados, justamente devido aos acréscimos na ração, como já citado;

Além desses fatores, o próprio acréscimo nas categorias de reposição, como bezerros e bois magros para engorda, deixou apertada a relação de troca (bezerro x boi gordo) e (boi magro x boi gordo), diminuindo a rentabilidade dos produtores que não praticam o ciclo completo, e, de certa forma, também ocasionam decréscimo no volume de cabeças abatidas.

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

Nesta semana o IBGE divulgou a pesquisa trimestral de abate. Os números mostraram que o Paraná teve um crescimento de 10,6% na produção de carne no primeiro trimestre de 2021 quando comparado a 2020. O volume de carne produzida pelo estado totalizou 241,3 mil toneladas no período. Já a produção brasileira atingiu 1,2 milhão de toneladas, um avanço de 7,8% comparativamente ao primeiro trimestre de 2020. A participação do Paraná na produção nacional foi de 21% neste período.

AVICULTURA

**Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

No 1º quadrimestre de 2021 a exportação brasileira de carne de frango cresceu 4,1%

Segundo o Agrostat Brasil/MAPA, no acumulado de janeiro a abril de 2021, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 0,08% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 2,122 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2020 (US\$ 2,120 bilhão).

Já em termos de quantidade exportada, o que se viu foi um crescimento de 4,1% (2021: 1.391.738 toneladas e 2020: 1.336.499 toneladas).

No período analisado, o país exportou 97,7% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes (1.301.738 toneladas) e apenas 2,3 na forma de industrializados (31.976 toneladas).

Observou-se um crescimento de 4% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2021 (1.359.761 tonelada) e 2020 (1.307.737 tonelada).

Do lado do faturamento do produto “in natura”, houve uma queda de 0,3% no primeiro quadrimestre do ano em curso (2021: US\$ 2,034 bilhões e 2020: US\$ 2,040 bilhões).

O menor faturamento foi resultado do recuo de 4,1% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2021: US\$ 1.455,74/tonelada e 2020: US\$ 1.599,67/tonelada), realidade que dura desde o ano de 2020.

Os principais destinos da carne de frango brasileira em 2021 (jan. a abr.), tem sido (volume/faturamento): 1º - **China** (203.092 toneladas e US\$ 374,100 milhões), 2º - **Arábia Saudita** (159.791 toneladas e US\$ 273,771 milhões), 3º - **Japão** (132.011 toneladas e US\$ 237,771 milhões), 4º - **África do Sul** (104.815 toneladas e US\$ 61,927 milhões), 5º - **Emirados Árabes Unidos** (91.285 toneladas e US\$ 143,665 milhões), 6º -

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

Filipinas (42.970 toneladas e US\$ 35,481 milhões). 7º - **Iemen** (38.997 toneladas e US\$ 57,296 milhões), e, 8º - **Países Baixos** (38.426 toneladas e US\$ 78,534 milhões).

Vale lembrar que em maio a Arábia Saudita determinou a suspensão da importação de carne de frango de 11 plantas frigoríficas processadoras de aves no Brasil, medida que passaria a vigorar a partir de 23/5

Eis a listagem de frigoríficos com exportações suspensas para a Arábia Saudita, cuja maioria é da JBS: - 5 da Seara Alimentos /JBS: em Amparo (SP), Brasília (DF), Campo Mourão (PR), Caxias do Sul (RS), Ipumirim (SC); 3 da Vibra Agroindustrial: Itapejara D'Oeste (PR); Pato Branco (PR) e Sete Lagoas (MG); 2 da JBS: em Montenegro (RS) e Passo Fundo (RS); e, 1 da Agroaraçá: em Nova Araçá (RS).

A Arábia Saudita também lançou mais um obstáculo à carne de frango importada: a redução do prazo de validade da carne de frango congelada e seus cortes de um ano para três meses. A conferir no cômputo das exportações de maio e junho, qual será o tamanho do impacto de tão sérias medidas para a avicultura de corte nacional.

No Paraná, maior exportador nacional, ocorreu um crescimento no

volume exportado (+6,8%), porém um recuo no faturamento (- 3,1%). Os números do primeiro quadrimestre foram: 2021 (volume: 575.169 toneladas / faturamento: US\$ 810,186 milhões) e 2020 (volume: 538.304 toneladas / faturamento: US\$ 836,034 milhões).

Para a carne de frango “in natura” paranaense, também houve recuo no preço médio exportado, mas da ordem de 9,8% (2021: US\$ 1.376,48/tonelada e 2020: US\$ 1.525,48/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), no primeiro quadrimestre de 2021, continuou destacando-se no contexto nacional, com participação de 41,3% do volume exportado pelo Brasil e com 38,2% da receita cambial (US\$), tendo como outros principais produtores e exportadores os estados de Santa Catarina (22,3% do volume e 23,9% do faturamento) e Rio Grande do Sul (16,4% do volume e 16,7%: faturamento).

Abate de frangos cresce 3,3% em 2021

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), via Pesquisa Trimestral de Abates, no 1º trimestre de 2021, foram abatidos 1,57 bilhão de cabeças de frangos, com aumentos de 3,3% em relação ao mesmo período de 2020 e de

Boletim Semanal* – 23/2021 – 11 de junho de 2021

0,7% na comparação com o 4º trimestre de 2020. Com isso, a pesquisa tem novo recorde para a série histórica, iniciada em 1997.

O abate de 50,34 milhões de cabeças de frangos a mais no 1º trimestre de 2021, em relação a igual período do ano anterior, foi determinado pelo aumento no abate em 19 das 25 Unidades da Federação que participaram da pesquisa.

Entre aquelas com participação acima de 1%, ocorreram aumentos em: Goiás (+16,48 milhões de cabeças), Paraná (+12,06 milhões), São Paulo (+6,56 milhões), Rio Grande do Sul (+6,45 milhões), Mato Grosso do Sul (+3,80 milhões), Minas Gerais (+2,61 milhões), Pernambuco (+1,82 milhão) e Bahia (+1,38 milhão).

Em contrapartida, ocorreram quedas em: Santa Catarina (-2,54 milhões), Mato Grosso (-1,16 milhão) e Pará (-928,63 mil). No ranking dos estados, o Paraná ainda lidera amplamente o abate de frangos, com 33,1% da participação nacional, seguido por Rio Grande Sul (13,9%) e Santa Catarina (13,3%).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!